

A revolução-guia e o outro socialismo

ALEXANDRE HECKER*

A Revolução Russa liberou fantasias recônditas e permitiu que o sonho de construção de uma sociedade igualitária, verdadeiro reino imaginado da liberdade, campeasse sem limites. Criou um modelo de ação política e com ele toda a militância de esquerda ganhou um estímulo especial. No Brasil, ela introduziu “novas idéias, novos conceitos, novas palavras, embora inicialmente de forma vaga e confusa. Os anarco-sindicalistas saudaram-na como a realização da utopia libertária”.¹

No correr do ano de 1917, as informações sobre o andamento dos acontecimentos russos foram falhas e incorretas. Militantes proletários e intelectuais não tinham noção exata do regime em construção e não poucas vezes eram bombardeados com falsas informações. Um artigo de Astrojildo Pereira, “A Revolução Russa e a imprensa”, de março de 1918, chamava a atenção para a unanimidade da imprensa do Rio em torno do movimento, e apresentava sua convicção de que toda ela estava “afinada pelas mesmíssimas cordas da ignorância, da mentira e da calúnia”.² Por outro lado, ainda em abril de 1919, *La Rivista Coloniale*, órgão político da “Colônia italiana” de São Paulo, reclamava da falta de melhores informações sobre o movimento.

Não se atribua essa desinformação a qualquer característica intrínseca brasileira, pois também na Itália — para tomarmos informação sobre o país de onde afluía boa parte dos militantes do socialismo no Brasil — pouco se conhecia das doutrinas e do andamento revolucionário. A propósito dos acontecimentos do período compreendido entre fevereiro e outubro, o historiador Carlo Cartiglia afirmou: “As notícias da revolução bolchevista chegaram confusas e distorcidas à Itália. A fragmentação das informações saídas da Rússia naqueles dias, somavam-se os obstáculos impostos pela censura italiana [...]”³

Em São Paulo, a dupla tarefa de informar e interpretar os significados da Revolução Russa e, ao mesmo tempo, pôr freio aos arroubos radicais inspirados naquele movimento encontraria no teórico Antonio Piccarolo um refinado executor. Tendo em sua pena a arma mais contundente do socialismo reformista da São Paulo meio italiana meio brasileira, o intelectual piemontês assumiu o

encargo com um olho no Brasil e outro na Itália, um nos trabalhadores, outro na burguesia.

Para ele, o principal equívoco da classe operária estava em ser visionária e depositar na ação violenta suas expectativas de criar um mundo melhor. Muitos entre os líderes dos trabalhadores eram sonhadores, utópicos e violentos, como os bolcheviques, que pensavam anular completamente o mundo existente: “Aonde estas utopias levam, nós estamos vendo na Rússia e estamos suportando, infelizmente, já que as desastrosas conseqüências das loucuras russas se fazem sentir em todo o mundo”.⁴

Apesar dessa oposição, seria inexato identificar o pensamento socialista-reformista como um inerte caudatário das classes dirigentes. Em primeiro lugar, porque apresentava propostas de democracia pluralista e, depois, pela sua prática, pois enquanto o reformismo pretendia agir sobre as atitudes proletárias tornando-as infensas à Revolução Russa, os conservadores incitavam suas lideranças para a ação repressora efetiva. Assim, por exemplo, um articulista de *O País*, preocupado com a hipótese de repetição no Brasil do “levante maximalista”, alertava que “é oportuno lembrar que as pequenas minorias audaciosas têm, por vezes, subvertido a ordem estabelecida nas sociedades, devido à apatia, às vacilações e à falta de coragem das classes conservadoras”.⁵

Ocupando um espaço por dentro da esquerda,⁶ o socialismo liberal de Piccarolo parece ter aceito o repto lançado por Lima Barreto aos opositores da Revolução Russa: ele dizia que os que se sentissem “ameaçados pelo maximalismo [...] tendo por adversários homens ilustrados, lidos, capazes de discussão, deviam, se tivessem um pingo de massa cinzenta no cérebro, procurar esmagar os seus inimigos com argumentos verdadeiramente científicos e hauridos nas ciências sociais”.⁷

Ao pensar a questão comunista, o intelectual socialista reformista procurou dar conta de dois problemas simultâneos: entender as reivindicações operárias em São Paulo e as vicissitudes do socialismo na Itália, e o fez tendo como princípio uma básica e repetida idéia da sua corrente de pensamento: a expectativa de alterações gradualistas na ordem social através das instituições governamentais em funcionamento. Não parecia razoável acreditar na possibilidade de uma revolução transformadora da estrutura

* Professor de História Contemporânea da Unesp-Assis.

econômica da sociedade a partir “de um movimento insurrecional, sem que antes não se percorra a necessária evolução econômica e psicológica sem a qual o novo ordenamento não pode apresentar condições vitais, como um feto que viu a luz antes do tempo prescrito pela natureza”.⁸ Era esse andamento lento, mas firme, que o socialismo queria ver assumido pelos trabalhadores em substituição à Revolução Russa.

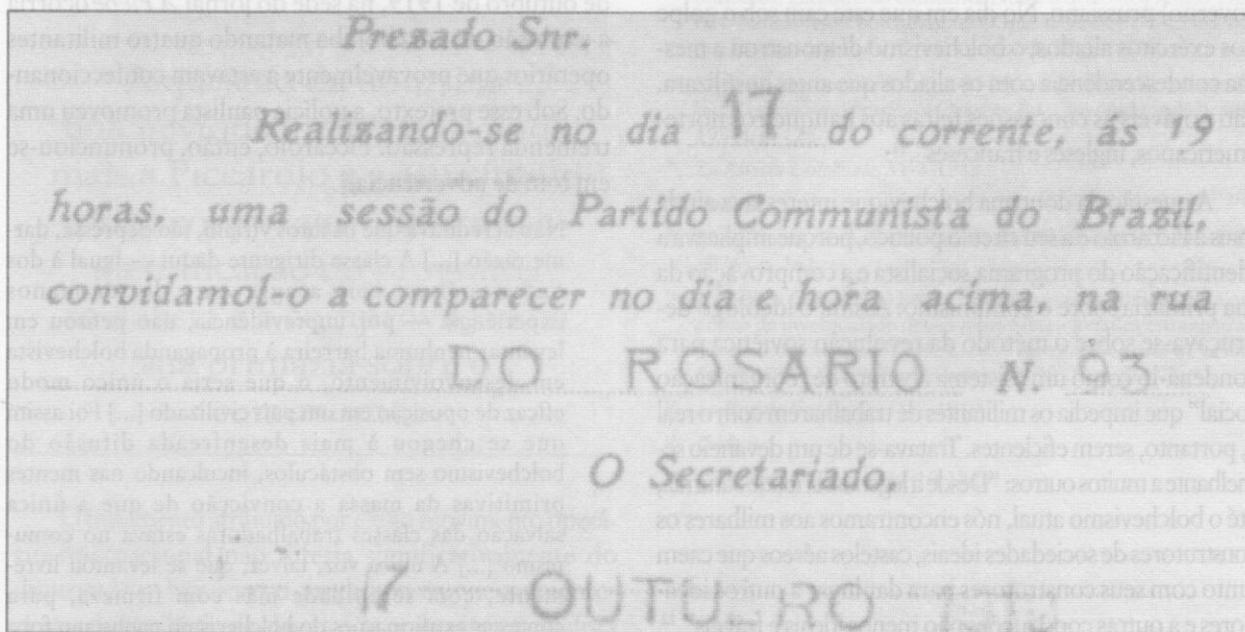
Com o fim da guerra e o estabelecimento da Conferência de Paris, em janeiro de 1919, as expectativas socialistas de grandes mudanças sociais se esvaneceram. Era, então, hora de advertir a burguesia sobre as conseqüências do imobilismo político, pois, se não fosse implantada a justiça social, a Revolução Russa tomaria conta do mundo:

Nós democráticos, todos indistintamente, dos republicanos aos socialistas revolucionários e sindicalistas, entramos na guerra com a convicção de que não se tratava apenas de uma guerra de fronteiras [...] mas para a defesa da liberdade e da civilização [...] Diante destas justas pretensões o que faz a Conferência de Paz? Bem pouco, para não dizer nada [...] O bolchevismo não é um fenômeno artificial como muitos gostariam de acreditar [...] [e] poderá estender-se a todo o mundo de uma hora para outra se as classes que têm a responsabilidade da ordem social não souberem promover em tempo [...] aquela justiça à qual a classe produtora da riqueza tem pleno direito.⁹

Na Itália, isso parecia já estar ocorrendo, visto que a palavra de ordem “fare come in Russia” ganhava cada vez maior aceitação entre o operariado, e a maioria do PSI

aderira ao bolchevismo ainda que de forma imprecisa. Em 1918 e 1919, as grandes esperanças suscitadas pela revolução soviética aliadas às aspirações de profundas mudanças sociais levaram as massas populares italianas a promover quase 2.000 greves na indústria e na agricultura: era o “biennio rosso!” Também no Brasil, Piccarolo considerava que algumas lideranças, representando os anseios de mudança dos trabalhadores, buscaram “seguir o exemplo de seus irmãos bolchevistas”. Por isso, ocorreu a insurreição anarquista de novembro de 1918, no Rio de Janeiro, e, no início de março de 1919, fundara-se um Partido Comunista com a função de preparar uma dupla comemoração: do 1º de maio e da Revolução Russa. A mesma solenidade organizava-se em São Paulo, onde, no mesmo mês de maio, várias categorias puseram-se em greve, reivindicando a diminuição da jornada para oito horas de trabalho. Isto é, desde 1917 até meados de 1920, o movimento operário no Brasil conheceu uma ascensão paralela ao seu congênere internacional e São Paulo foi o “centro das mobilizações, com 64 greves na capital e 14 no interior, em 1919, onde se inclui a grande paralisação do mês de maio que abrange, só na Capital, mais de 45.000 trabalhadores, e a greve generalizada do mês de outubro”.¹⁰

Enfim, a hipótese de que o bolchevismo se estendessem infinitamente não estava de todo desprovida de sentido. Em oposição a tal desenvolvimento, o reformismo via-se obrigado a sistematizar suas críticas que se resumiam a três diferentes repreensões ao sistema soviético, nem sempre moderadas e, certamente, não isentas de preconceitos:



Convite do Partido Comunista de 1919 para o aniversário da Revolução Russa

A Revolução Russa liberou fantasias recônditas e permitiu que o sonho de construção de uma sociedade igualitária, verdadeiro reino imaginado da liberdade, campeasse sem limites.

os seus dirigentes eram venais; a doutrina, suspicaz; os reflexos na sociedade, deletérios.

Os dirigentes russos não eram verdadeiramente revolucionários, pois nem o trabalho de derrubar o regime czarista fora deles: nos momentos cruciais,

o bolchevismo estava ausente [...] Foi depois de alguns meses, depois que o governo Kerensky mostrou sua simpatia pelos aliados e sua aversão ao militarismo prussiano, que vimos Lênin abandonar a Suíça e atravessar triunfalmente a Alemanha para atingir a Pátria, onde, apoiado no ouro e na propaganda germânica, conseguiu abater o governo menchevique e antigermânico para substituí-lo por este bolchevista e filoprussiano. O que tem sido o governo de Lênin, desde aquele dia, dizem abertamente os fatos. A degradação, o aviltamento, a prostituição da dignidade nacional.

Essa vocação para a subserviência parecia-lhes intrínseca ao governo soviético, que se abaixara “não só (ante o governo) prussiano. No dia em que este caiu sob o golpe dos exércitos aliados, o bolchevismo demonstrou a mesma condescendência com os aliados que antes hostilizara. São notáveis as concessões feitas aos banqueiros norte-americanos, ingleses e franceses”.¹¹

A questão da doutrina bolchevique interessava ainda mais a Piccarolo e a seu círculo político, porque implicava a identificação do programa socialista e a comprovação da sua primazia sobre o comunismo. Assim, o ideólogo debruçava-se sobre o método da revolução soviética para condená-lo como um “sistema abstrato de reorganização social” que impedia os militantes de trabalharem com o real e, portanto, serem eficientes. Tratava-se de um devaneio semelhante a muitos outros: “Desde a legendária idade Saturnia, até o bolchevismo atual, nós encontramos aos milhares os construtores de sociedades ideais, castelos aéreos que caem junto com seus construtores para dar lugar a outros ideadores e a outras construções não menos ideais e frágeis”.¹²

Na prática política, suas críticas encaminhavam-se contra os anarco-sindicalistas Edgard Leuenroth e Hélio Negro (pseudônimo de Antonio Candeias Duarte), que haviam publicado, no início do ano de 1919, em São Paulo, um opúsculo intitulado *O que é o maximismo ou o bolchevismo*. Aos olhos dos socialistas, aqueles autores faziam confusão ao empregar o termo socialismo sem a devida precisão:

As palavras socialismo, anarquia, coletivismo e comunismo têm um significado próprio, determinado, não sendo permitido usá-las em seu significado genérico, de modo a gerar, entre elas, equívoco e confusão [...] Socialismo não pode ser confundido com comunismo. O socialismo [...] não é comunista, é coletivista. Enquanto um propõe a cada um conforme as próprias necessidades, o outro afirma a cada um segundo o valor social produzido por si mesmo. Enquanto um arquiteta, fantasiosamente, um sistema social e pretende impô-lo como diretiva da futura sociedade, o outro analisa as tendências e as potencialidades dos acontecimentos sociais e sobre eles lança as bases da futura sociedade coletivista.¹³

A terceira frente de batalha, para os militantes liderados por Piccarolo, constituía-se na denúncia dos reflexos prejudiciais da “revolução-guia” no comportamento político dos trabalhadores. Para anular esse efeito seria conveniente que as classes dirigentes percebessem o quanto o sistema socialista reformista, que elas desdenhavam, poderia contribuir para afastar o perigo iminente. Era preciso ceder, ou seja, instaurar a justiça social para impedir o sucesso do bolchevismo.

Os fatos pareciam autorizar tais raciocínios. Em 19 de outubro de 1919, na sede do jornal *A Plebe* ocorria a explosão de uma bomba matando quatro militantes operários que provavelmente a estavam confeccionando. Sob esse pretexto, a polícia paulista promoveu uma tremenda repressão. Piccarolo, então, pronunciou-se em tom de advertência:

Não acreditava que os fatos viriam, tão depressa, dar-me razão [...] A classe dirigente daqui — igual à dos outros países, com a agravante de ter menos experiência — por imprevidência, não pensou em levantar nenhuma barreira à propaganda bolchevista em desenvolvimento, o que seria o único modo eficaz de oposição em um país civilizado [...] Foi assim que se chegou à mais desenfreada difusão do bolchevismo sem obstáculos, inculcando nas mentes primitivas da massa a convicção de que a única salvação das classes trabalhadoras estava no comunismo [...] A única voz, talvez, que se levantou livremente, com serenidade mas com firmeza, para contestar as afirmações do bolchevismo paulistano foi a



Jornal anarquista

que eu lancei destas colunas. Quando, porém, as classes dirigentes viram as pedras em suas portas [...] então, por meio [...] da polícia acreditaram poder afastar o perigo de uma hora para outra [...]¹⁴

A questão da doutrina bolchevique interessava ainda mais a Piccarolo e a seu círculo político, porque implicava a identificação do programa socialista e a comprovação da sua primazia sobre o comunismo.

O tratamento atribuído por ele ao movimento operário internacional não diferia significativamente do dispensado ao brasileiro, o que demonstra que as suas propostas de equilíbrio de classes e de progresso gradualista

nas relações sociais independiam da real conjuntura histórica em que deveriam se processar. O reformismo parecia ser o mesmo em todos os quadrantes. Talvez adiesse daí a acanhada credibilidade desse tipo de socialismo entre os trabalhadores brasileiros. Ao contrário do anarquismo ou do comunismo que se pautavam pela oposição genérica à exploração capitalista, o socialismo reformista, para levar a contento o seu projeto apoiado em pequenas e sucessivas conquistas parciais, deveria reconhecer os pormenores da situação local das relações de dominação. Mas essa tarefa não foi assumida pelos primeiros socialistas de São Paulo que interpretaram igualmente os problemas do trabalhador italiano e brasileiro.

Entretanto, se não foi capaz de responder às exigências particulares da conjuntura, o socialismo reformista contribuiu para a crítica do comunismo, não o admitindo como a quintessência da “verdadeira teoria da revolução social”. Nas décadas seguintes, aqui como alhures, esse dissenso fecundou a inteligência crítica e provocou o debate.

NOTAS

- 1 Moniz Bandeira e outros, *O ano vermelho. A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil* (São Paulo: Brasiliense, 1980), p.144.
- 2 *Apud* Moniz Bandeira, *op. cit.*, pp. 285-298.
- 3 *Il Partito Socialista Italiano: 1892-1962* (Turim: Loercher, 1978), p. 201.
- 4 *La Rivista Coloniale*, 31-3-1918.
- 5 Edição de 19-11-1918, *apud* Moniz Bandeira, *op. cit.*, p. 132.
- 6 Nesse sentido, chegou a declarar: “Não somos daqueles que temem o perigo bolchevique, no sentido da reivindicação dos direitos humanos. Diremos ao contrário. Nesse sentido nós somos sincera e francamente bolchevistas. O que tememos é a forma com que se apresenta” (*La Rivista Coloniale*, 31-5-1919).
- 7 “Sobre o maximalismo”, 1-3-1919, em Evaristo de Moraes Filho, *O socialismo brasileiro* (Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981), p. 128.
- 8 *La Rivista Coloniale*, 31-3-1919.
- 9 *Ibidem*.
- 10 Bóris Fausto, *Trabalho urbano e conflito social* (São Paulo: Difel, 1976), p. 161.
- 11 *La Rivista Coloniale*, 31-8-1919. Há uma farta bibliografia a propósito da inveracidade desses fatos e das agressões estrangeiras à Rússia. Por exemplo: E. H. Carr, *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)* (Rio de Janeiro: 1981), pp. 20-21.
- 12 *La Rivista Coloniale*, 31-8-1919.
- 13 *Ibidem*.
- 14 *La Rivista Coloniale*, 31-10-1919.